

1. Poesia recolhida na Freguesia de Quezenceira,  
Faro, Universidade do Algarve, 1993.

529

Fiz ontem à noite uma aposta  
Com as folhas do missal  
Ir dormir com Mariana  
Antes do galo cantar.

Tu não apostes meu filho  
Não tenhas que apostar  
Que a Mariana é esperta  
Ela não se deixa enganar.

Deixa-se enganar ou não  
Isso estamos nós pra ver  
Ao pino da meia noite  
À porta lhe vou bater.

Quem bate à minha porta  
Quem bate quem está aí  
Donzela minha menina  
Sua tia a vem chamar.

Tou descida da minha cama  
Falta-me só *adebar*  
Estou escondida no meu quarto  
Pró meus primos comigo não *vir* dar.

Era meia noite em ponto  
 Mariana que gritava  
 Não grites ó Mariana  
 Não me queiras difamar  
 Que eu sou conde solteiro  
 Contigo venho casar.

Eu te peço ó meu Conde  
 Pro jogo não te vás gabar  
 Que estão lá os meus primos  
 Ao meu pai vêm contar.

Ele que dali se foi  
 Prò jogo se foi gabar  
 Dormi esta noite um sono  
 Nos braços duma donzela  
 Nos dias da minha vida  
 Não vi coisinha mais bela.

Os primos responderam  
 Mas quem foi mas quem seria  
 Só a prima Mariana  
 Que no mundo não havia.

E foram-se dali contar ao pai  
 E o pai disse pois se isso já é assim  
 Amanhã se vai queimar.

Ela que isto ouviu  
 Pro quarto foi a chorar  
 Eu não ter aqui um criado  
 Um criado que comesse pão  
 Pra me ir levar uma carta  
 Ao conde de Monte Albão.

Veio um anjo do céu à terra  
 E disse-lhe  
 Note lá minha menina  
 Note lá seu coração  
 Que eu vou levar a cartinha  
 Ao conde de Monte Albão.

Vós que vai vós que há-de ir  
 E há-de vos saber falar  
 Pois se ele *tiver* dormindo  
 Pois deixá-lo acordar  
 E se ele *tiver* almoçando  
 Pois deixá-lo almoçar.

Foi a uma hora tão boa  
 Que andava no jardim a passear  
 Tome lá esta cartinha  
 Coitada da Mariana que amanhã se vai  
 queimar

Se me dá qu'ela se queime  
 Que ela se deixe de queimar  
 Só a pena que me dá  
 É dela levar sangue real.

(E foi-se dali foi ler a carta e vestiu-se em traje  
de padre e pediu aos criados):

Criados ó meus criados  
Estão todos a meu mandado  
Para ferrar o meu cavalo  
Com ferraduras de bronze  
Que jornadas de quinze dias  
Ainda hoje tenho que dar.

E foi e encontrou a justiça no caminho  
Que a ela já ia queimar  
Alto lá sua justiça  
Não se queira adiantar  
Que essa menina que aí vai  
Ainda vai para confessar  
E o pai respondeu olhe lá senhor prior  
Confesse enquanto nós vamos jantar.

Ajoelhe menina ajoelhe  
Faça o seu pelo-sinal  
No meio da confissão  
Um abraço me há-de dar  
Que eu a livrarei  
Desse fogo infernal.

Alto lá ó senhor padre  
Não se queira adiantar  
Que aonde o Conde pôs os braços  
Outro não me há-de abraçar.

Ajoelhe menina ajoelhe  
Faça o seu pelo-sinal  
Que no meio da confissão  
Um beijinho me há-de dar  
Que eu a livrarei  
Desse fogo infernal.

Alto lá ó senhor padre  
Não se queira adiantar  
Que aonde o Conde pôs a boca  
Outro não me há-de beijar.

Ai Jesus valha-me Deus  
Maria da Conceição  
Já me a mim me parecia  
A fala do Conde de Monte Albão.

Sou este minha menina  
Sou este seu coração  
Mande chamar o seu pai  
Quero dar-lhe a minha mão.

MCM



Maria da Conceição Mateus, 64 anos  
n. Funchais

\* \* \*